



miguilim

revista eletrônica do netlli

volume 9, número 1, jan.-abr. 2020

FAZER-SE ESCRITA: PROJETO EXISTENCIALISTA E AS REDES DA ESCRITA DE SI EM BALANÇO FINAL, DE SIMONE DE BEAUVOIR



WRITING HERSELF: EXISTENCIALIST PROJECT AND SELF WRITING IN BALANÇO FINAL, BY SIMONE DE BEAUVOIR

Luís Henrique Pereira da SILVA
UEMA, Brasil

Andrea Teresa Martins LOBATO
UEMA, País

[RESUMO](#) | [INDEXAÇÃO](#) | [TEXTO](#) | [REFERÊNCIAS](#) | [CITAR ESTE ARTIGO](#) | [OS AUTORES](#)
RECEBIDO EM 20/06/2019 • APROVADO EM 22/02/2020

Resumo

Balanço Final, remanescente obra autobiográfica de Simone de Beauvoir, é, para além do encerramento da escrita de suas memórias, um momento em que a autora coloca-se oscilante, põe-se em questão e busca entender, a partir de sua condição, de sua construção subjetiva e intelectual, de seus projetos e da forma como lançou-se no mundo, quais empreendimentos foram decisivos para que viesse a se tornar a mulher que escreve e que ocupa o lugar de suas



memórias autobiográficas. Como plano de fundo comparece o projeto existencialista – compartilhado com Jean-Paul Sartre – e, a partir de suas premissas e realizações, Beauvoir opera uma escrita de si e busca justificar-se, levando sempre em consideração sua tese empreendida em seu ensaio existencialista *Por uma moral da ambiguidade*. É sob esta perspectiva e partindo deste ponto que este artigo questiona e analisa, tendo por base a interdisciplinaridade, utilizando elementos da teoria literária, filosofia, psicanálise e história, como o projeto existencialista comparece na última obra autobiográfica de Simone de Beauvoir.

Abstract

Balanço Final, the last Simone de Beauvoir's autobiography writing is beyond the closure of her writing memories, a moment when Simone de Beauvoir puts herself oscillating and comes into question intending to understand, from her condition, subjective and intellectual construction, how she launched herself in the world and which projects were decisive for her to become the woman who writes and occupies the place of her autobiographical reminiscences. As background, the existentialist project – shared with Sartre – turns up as premises and accomplishments inside her writing. Beauvoir operates a writing of her own and seeks to justify herself taking in consideration the theses embraced in her existentialist essay *Por uma moral da ambiguidade*. It is under this perspective and starting from this point that this paper inquires and analyses, based on the interdisciplinarity, using elements of literary theory, philosophy, psychoanalysis and history, how the existentialist project emerges on Simone de Beauvoir's final autobiography writing.

Entradas para indexação

PALAVRAS-CHAVE: Simone de Beauvoir. Autobiografia. Existencialismo. Escrita de si.

KEYWORDS: Simone de Beauvoir. Autobiography. Existentialism. Self Writing.

Texto integral

ACESSANDO O LABIRINTO

Pensar a autobiografia e os desdobramentos das redes da escrita de si nos leva, inevitavelmente, a levantar questionamentos que nos conduzem a um solo que – longe de mostrar possibilidades de cerceamentos e de respostas estanques – se mostra movediço e inseguro. Não é do cárcere que parte a escrita autobiográfica – embora possa por ele ser influenciada –, mas o ato de buscar um entendimento do que seja a autobiografia e, em uma medida mais abrangente, de tentar entender as redes da escrita de si a título de trabalho de crítica e teoria literária, nos conduz

a um encarceramento do objeto, uma vez que muitas teorias buscam, insistentemente, definir limites estanques à Literatura.

Não precisamos, no entanto, ir longe para nos darmos conta de que parece não haver ainda um discurso coerente por parte da crítica. A primeira constatação que salta aos olhos mantém ligação direta com os termos *classificatórios* utilizados: escrita de si, autobiografia, escrita de memórias, escrita confessional, diários, anotações etc. Em uma outra instância, o que se coloca como questão é o caráter literário dos textos escritos em primeira pessoa, haja vista as bases incertas que os sustentam.

Sendo a autobiografia uma construção narrativa que toma de empréstimo aquilo que a memória permite recordar a partir das experiências já vividas, lhe é inerente, ao contrário do que se pensa em questões de exatidão, uma complexidade que acaba por tornar a discussão acerca do autobiográfico um caminho de caráter quase inconcluso.

A escrita autobiográfica assume, então, um movimento ambíguo e, nesse viés, acarreta uma complexidade no *modus operandi* de que se constrói e se coloca como um lugar de questionamento mais do que de esclarecimento. De posse de caneta e tinta, o escritor-narrador-personagem, sujeito de si mesmo, desdobra-se em memórias e lembranças que perpassam por tudo aquilo o que foi, o que é e o que poderia ter sido, mas a escrita se coloca como ausência, haja vista que o que se presentifica não é, mas foi, passou.

Escrever memórias é, além de suscitar um passado que não é mais, correr um risco. Um projeto que se proponha a desfraldar ambiciosamente os interstícios que o passado guarda corre o risco de cair nos labirintos da memória. Em *Lembrar escrever esquecer* (2006), Jeanne Marie Gagnebin nos reconduz acerca dos construtos da memória quando diz que “(...) a memória dos homens se constrói entre esses dois pólos: o da transmissão oral viva, mas frágil e efêmera, e o da conservação pela escrita, inscrição que talvez perdure por mais tempo, mas que desenha o vulto da ausência” (GAGNEBIN, 2006, p. 11). Enquanto a cultura oral esbarra nos limites da memória, a escrita, tendo em si a possibilidade de uma durabilidade maior, aponta para uma ausência: o paradoxo desta encontra ecos exatamente nesse ponto onde a vontade de escrever apreende aquilo que, escrito, já não existe mais.

Foucault (2010), em *A escrita de si*, faz uma análise desta a partir da tradição ascética, cuja incumbência principal era fazer com que o asceta meditasse sobre seus pecados e, imerso em sua ignomínia a partir da exposição e do testemunho dos outros, deixasse de cometê-los. No entanto, é a partir de Plutarco – e da função *etopoiética* da escrita –, que Foucault nos conduz a duas formas em que a escrita de si comparece sob diferentes óticas: os *hypomnemata* (cadernos que serviam para registros pessoais, registros de memórias) e a correspondência. Os *hypomnemata* enquanto escrita de si se ocupam “(...) não de perseguir o indizível, não de revelar o que está oculto, mas, pelo contrário, de captar o já dito; reunir aquilo que se pôde ouvir ou ler, e isto com uma finalidade que não é nada menos que a constituição de si” (FOUCAULT, 2010, p. 149). Nesse sentido, temos aqui uma face da escrita de si que se coloca não como uma escrita que tenciona dizer o

indizível, o inconjugável, mas, ao contrário, busca revelar-se, desvelar-se, a fim de descoser-se e compreender-se, constituir-se.



A despeito de *O segundo sexo*, título de maior prestígio e reconhecimento público, Simone de Beauvoir escreveu uma extensa obra, dentre as quais temos romances, artigos, ensaios, teatro, autobiografia etc. A tessitura de sua escrita sempre esteve envolta em um percurso que se propõe a desfraldar a questão da existência, da condição humana e do querer constituir-se como um sujeito soberano, fazendo resvalar a ideia de que esses – dentre muitos outros – fazem parte do conjunto indissolúvel de seus questionamentos centrais e de seu posicionamento frente ao pensamento existencialista.

Mantendo esta perspectiva no horizonte, nosso objetivo é abrir uma via de questionamento em *Balanço Final*, última obra autobiográfica de Simone de Beauvoir¹, intentando perceber as possibilidades de leitura e ampliar o jogo de significação da obra. É entendendo que a escrita guarda em si labirintos que nem sempre nos conduzem a solos seguros e, nesse sentido, este trabalho busca questionar a escrita de si em sua remanescente obra autobiográfica para entender como a escrita se colocou para a autora e como a atitude existencialista comparece em *Balanço Final*.

EXISTIR: EXISTENCIALISMO?

Não se pode dizer, em princípio, se o nosso destino terrestre tem ou não tem importância, porque depende de nós dar-lhe uma (BEAUVOIR, 1970), pontua Beauvoir em *Por uma moral da ambiguidade*, apontando para o fato de que a decisão por dar à existência uma importância, o homem deve buscar em si. “É o homem que deve fazer com que seja importante ser um homem e somente êle [sic] pode experimentar sua vitória ou seu fracasso” (BEAUVOIR, 1970, p. 11). Circunscreve nesse ponto que o existencialismo empreendido por Simone de Beauvoir, e também por Sartre, é uma filosofia que credita somente ao homem a total responsabilidade das decisões tomadas ao longo de sua vida, de buscar em si a sua própria justificação e de experimentar, ele próprio, o gosto da vitória ou o amargo do fracasso.

A tessitura de *Balanço Final*, de Simone de Beauvoir, parece ser uma reafirmação daquilo que se estende por todo o percurso autobiográfico da autora: a construção de um projeto. Em seu tratado filosófico, Beauvoir faz resvalar que o homem, para se constituir enquanto homem, precisa ter um projeto², um lugar para onde se projetar. Não há existência sem projeção. O homem precisa, o tempo inteiro, lançar-se no mundo para, então, constituir-se homem.

Logo nas primeiras palavras de *Balanço Final*, ao expor o que a motivava a dar continuidade a caminho do fim de sua obra autobiográfica, Beauvoir pontua: “Quanto mais me aproximo do fim de minha existência, mais possível se torna abarcar em seu conjunto esse estranho objeto que é uma vida: tentarei fazê-lo no início deste livro” (BEAUVOIR, 1982, p. 7). Neste sentido, seguindo o pensamento existencialista de Simone de Beauvoir, podemos considerar, de antemão, que sua

remanescente obra autobiográfica, tanto mais que as outras, propõe-se a um desdobramento que, para além da continuidade da escrita, busca analisar que momentos e condições foram decisivas para que Simone viesse a ser Beauvoir.



“Em verdade, fora da existência não há ninguém. O homem existe” (BEAUVOIR, 1970, p. 10), assinala Beauvoir, apontando, em um só gesto, instâncias que se circunscrevem no seio de sua tese empreendida pela filosofia existencialista: não há uma existência que se firme e se confirme sem que haja um ser, sem que haja uma humanidade que faça com que esta tal se valide. Há, portanto, que se negar – tal como o existencialismo o faz – que haja um ser que dite ou confabule *a priori* uma existência, mas, ao contrário, é a partir da existência humana que as coisas existem e se constituem.

Não foi sem polêmica ou sem recusa que o pensamento existencialista foi recebido – de um lado porque se opunha à moral tradicional judaico-cristã, de outro porque alimentava a esperança do público na mesma medida que chocava –, mas também não foi sem brevidade que logo ganhou visibilidade.

Os primeiros esboços de um pensamento que mais tarde seria catalogado como “existencialista” – pois este termo era, inicialmente, utilizado de forma pejorativa e ficou associado a Jean-Paul Sartre e Simone de Beauvoir por suas obras – surgiram a partir de *O ser e o nada*, um marco que influenciou o pensamento do século e que tencionava ambiciosamente descrever a existência a partir do *ser* e explicar a liberdade humana. Em setembro de 1945, *O sangue dos outros*, escrito por Beauvoir, fora publicado – tratava-se de um livro que abordava “o paradoxo dessa existência vivenciada por mim como liberdade e apreendida como objeto por aqueles que se aproximaram de mim” (BEAUVOIR, 2009, p. 51); No entanto, as respostas e a interpretação do público leitor foram díspares às que Beauvoir propusera e, por conseguinte, esperava.

“Romance sobre Resistência, ele foi também catalogado como romance existencialista. Essa palavra estava doravante automaticamente ligada às obras de Sartre e às minhas” (BEAUVOIR, 2009, p. 52). O “boom” do existencialismo principiava. Nas semanas seguintes, decorreu ainda a publicação de *Os caminhos da liberdade*, primeiro volume da *Les Temps Modernes* – revista fundada por Sartre em parceria com Merleau-Ponty, Raymond Aron, Simone de Beauvoir, dentre outros intelectuais – e a peça *Bouches Inutiles*, escrita por Beauvoir, foi encenada. Nesse ínterim, Sartre realizou a conferência *O existencialismo é um humanismo* – que viria a ser mais tarde publicada como ensaio existencialista – e Beauvoir realizou, ainda, uma conferência sobre o romance e a metafísica.

A exposição havia sido imposta e não havia escapatória. Sob os olhos e a verve do povo parisiense, Beauvoir – tendo seu nome agora indissociável ao de Sartre, não mais somente pelo relacionamento, mas pelo projeto existencialista – buscava a partir de suas obras uma égide para se defender do suposto mal-entendido. Embora ela narre em *A força das coisas* que durante esse período ela não tivesse ambições filosóficas, o existencialismo acabou por guiar espontaneamente o que viria depois.

Em *O existencialismo é um humanismo*, Sartre começa por defender o existencialismo de algumas críticas que vinha recebendo – de um lado por



marxistas, do outro por católicos, quais sejam: pensamento que incita a um certo 'quietismo de desespero' pois, sem que lhe oferecesse soluções, impossibilitaria a ação e recairia sobre uma filosofia contemplativa (e, portanto, burguesa, haja vista que a contemplação era um luxo); filosofia que acentua a ignomínia humana e ao invés de mostrar o 'lado luminoso da natureza humana', acaba por evidenciar o que há de sórdido; já os cristãos, mantendo sob o horizonte a ideia de um Deus criador e soberano, criticavam o existencialismo por negar 'a realidade e o lado sério dos empreendimentos humanos', haja vista que a supressão dos mandamentos e dos valores do Criador resultaria numa gratuidade e numa liberdade exacerbada e incontrolável. Adiante, Sartre confere ao homem – concebido como um ser desprovido de essência pré-estabelecida, despido de uma natureza humana (pois que não há um deus para concebê-la), um ser que se lança na existência – a total responsabilidade de seus atos, de suas escolhas e qualquer consequência que recaia sobre si e sobre o outro, e que só se realiza a partir da ação, impulsionada por **um projeto**.

A doutrina que vos apresento é justamente oposta ao quietismo, visto que ela declara: só há realidade na ação; e vai aliás mais longe, visto que acrescenta: o homem não é senão o seu projeto, só existe na medida em que se realiza, não é, portanto, nada mais do que um conjunto dos seus atos, nada mais do que a sua vida. (SARTRE, 1973, p. 19).

Deve-se considerar, portanto, que, contraposto à noção de quietismo, o existencialismo se configura como uma filosofia que impulsiona à ação, e que se alimenta a partir desta; o homem de ação deve, por sua vez, viver a partir de projetos que toma para si e que deve ter como fim primeiro a liberdade.

Haja vista que o momento em que o existencialismo cai em voga é um momento do pós-guerra, é normal que o povo parisiense estivesse passando por uma fase de desesperança, de descrença na paz, nas essências imutáveis pregadas pela moral cristã e que buscasse uma ideologia para si que fosse condizente com o momento que viviam: de desolação, de medo, de incertezas. Foi graças a esse momento – e também à crise cultural instaurada na França após a guerra, que acabou por fazer com que o povo voltasse os olhos ao que vinha sendo produzido – que o existencialismo eclodiu e ganhou visibilidade.

As pessoas se lançaram avidamente sobre uma comida da qual tinham fome; quebraram os dentes e soltaram gritos cuja violência intrigava e atraía. Sartre os reduzia mantendo, no nível do indivíduo, os direitos da moral; mas a moral que ele indicava não era a deles. Seus romances lhes devolviam uma imagem da sociedade que eles recusavam; acusaram-no de realismo sórdido, de miserabilismo. Estavam dispostos a ouvir sobre eles mesmos verdades brandas, mas não a se olhar de frente. Contra a dialética marxista, reivindicavam a liberdade; mas Sartre exagerava: a liberdade que ele lhes oferecia implicava fatigantes



Foi a partir de uma recepção ambígua que o pensamento existencialista foi recebido, mas não sem motivo: uma recepção feita por burgueses, enquanto o esforço maior de Sartre – assim como o de Beauvoir – era o de negar os valores e as crenças burguesas, de desfazer-se das amarras que o aproximavam dessa classe. Era fatigante, árduo, tanto para o existencialismo, no sentido da recusa, quanto para a burguesia. O público começava a se questionar e a questionar as obras de Jean-Paul Sartre e Simone de Beauvoir e, quanto mais seus nomes eram expostos (muito mais com recusa do que com aceitação) maior era a vontade que os jovens existencialistas sentiam de se justificar e dar cabo aos mal-entendidos.

“Já que não é possível fugir à verdade, tentemos então olhá-la de frente. Tentemos assumir nossa fundamental ambigüidade” (BEAUVOIR, 1970, p. 5), pontua Beauvoir, apontando para o ponto principal que circunda a filosofia existencialista por ela empreendida: a ambigüidade. É um processo ininterrupto de afirmação/negação que faz parte da existência humana: vida e morte; individualidade e coletividade; ser e não ser. No entanto, uma coisa é importante para que a existência se faça valer – a escolha – e ela decorre da ação. O existencialismo empreendido por Simone de Beauvoir, e visto também em Sartre, é uma filosofia da ação.

“A existência se afirma como um absoluto que deve buscar em si a justificação, e não ser suprimida, ainda que se conservando” (BEAUVOIR, 1970, p. 9). Nesse sentido, para que assegure sua existência, o homem de ação deve buscá-la incessantemente em si – e não em um mundo exterior –, desejando sempre um desvendamento de si e visando a uma justificação. “Para atingir sua verdade, o homem não deve tentar desfazer a ambigüidade [*sic*] de seu ser, mas, ao contrário, concordar em realizá-la: êle [*sic*] não se alcança senão na medida em que aceita permanecer à distância de si mesmo” (BEAUVOIR, 1970, p. 9). A ambigüidade se configura aqui como uma condição prima, inescapável, e o que o homem deve fazer não é senão desejar que ela se realize, é lançar-se com suas paixões, instintos e projetos. No entanto, a justificação e a realização possível da ambigüidade não são movimentos para um vazio, mas um movimento que deve desembocar na liberdade, visto que esta é considerada por Beauvoir – e, outrossim, por Sartre – a “fonte de onde surgem tôdas [*sic*] as significações e todos os valores, é a condição original de qualquer existência” (BEAUVOIR, 1970, p. 17). E deve visar, ainda, à moral, pois que “querer-se moral e querer-se livre é uma só e mesma decisão” (BEAUVOIR, 1970, p. 18).

Há que se considerar, ainda, a fim de esclarecer o pensamento existencialista de Beauvoir, que **existir** e **buscar a liberdade**, segundo a sua filosofia, são instâncias que se configuram sempre **em movimento**. O homem deve tomar a liberdade como a expansão de sua existência, levando em consideração seus projetos e lançando-se em direção ao futuro. Nesse sentido, a liberdade não é conquistada somente ao final do percurso, mas *em curso*, no próprio ato de lançar-

se, fazendo com que se valide a existência, uma vez que “A liberdade não será jamais dada, mas sempre a conquistar [...]” (BEAUVOIR, 1970, p. 101).

O IMPERATIVO DA ESCRITA E AS INTERFACES ENTRE O PROJETO EXISTENCIALISTA E *BALANÇO FINAL*

“Nasci, às quatro horas da manhã, a 9 de janeiro de 1908, num quarto de móveis laqueados de branco e que dava para o Bulevar Raspail” (BEAUVOIR, 1983, p. 9), inicia Beauvoir as *Memórias de uma moça bem-comportada* (1983), obra que inaugura sua escrita autobiográfica. Talvez, de maneira desatenciosa e até mesmo ingênua, possamos pensar que se trata apenas de um marco temporal – o nascimento – para iniciar o relato de suas memórias, mas, guiados à luz do pensamento existencialista, poderíamos afirmar notadamente que se trata do princípio de uma existência, o momento que permite que todas as outras coisas surjam e aconteçam. Começa, assim, o seu projeto autobiográfico.

Diários, cartas, anotações, leituras, encontros em bibliotecas, em bares, cafés, no cinema, no teatro, por toda parte estende-se o repertório de memórias revisitado na obra de Simone de Beauvoir. Depois de todo um percurso humano, intelectual, de engajamento político e filosófico, depois do sucesso de suas publicações anteriores, o que mais há para ser narrado? O que resta para ser questionado?

A narrativa de *Balanço Final* (1972), tal como o título sugere, é construída sob uma perspectiva de encadeamento, de contabilizar e buscar as razões e as vias pelas quais transcorreram os anos de Beauvoir desde a criança que fora até a filósofa existencialista que escreve. Para além do encerramento do empreendimento autobiográfico, é um lugar de questionamento, de análise de si, um *tête-à-tête* entre o ‘eu’ que escreve e o ‘eu’ que se delinea a partir da escrita. Lugar de memórias, espaço de lembranças. Diante da velhice e da finitude que a morte traz consigo, Beauvoir busca um espaço ainda maior para que possa entender como se constituiu mulher, filósofa e escritora. Cabe, neste sentido, considerar que, quando Simone de Beauvoir escreve *Balanço Final*, ela já era uma escritora reconhecida, que gozava de uma grande visibilidade – o que não implica dizer que suas palavras foram sempre recebidas de bom grado –, era uma mulher de quase setenta anos, que já se encaminhava, como pontua, para o fim de sua existência. Assim sendo, é lancinante a vontade de compreender como se constituiu, algo que Beauvoir busca fazê-lo através da escrita e, ainda mais, através de *Balanço Final*.

É então que Beauvoir começa a elencar questionamentos que servirão de base para desconstruir-se ao longo da narrativa – o que começa com um novo dia e o reconhecimento de si e do que a cerca:

Cada manhã, antes mesmo de abrir os olhos, reconheço minha cama, meu quarto. Mas se durmo à tarde, em meu estúdio, experimento às vezes, ao acordar um espanto pueril: **por que sou**

eu? O que me surpreende – como à criança quando toma consciência de sua própria identidade – é o fato de encontrar-me aqui, agora, dentro desta vida e não de uma outra: por que acaso? (BEAUVOIR, 1972, p. 9, grifo nosso).



Note-se, tal como grifamos, que existem dois questionamentos que oscilam a partir de uma urgência que apela por um porquê, por uma resposta. A primeira pergunta não busca saber ‘como’ – isto é um questionamento que comparece em um momento posterior – mas quer saber por que, por quais razões esse ‘eu’ que acorda é exatamente do jeito que se vê. A segunda pergunta surge como que complementando a primeira: o ‘eu’ dá-se conta de que é ‘isto’ e não outra coisa, mas cabe-lhe também questionar ‘por que acaso’, por quais circunstâncias é isto. E Beauvoir prossegue na narrativa:

Foi um acaso, conforme o estado atual da ciência, totalmente imprevisível, que me fez nascer mulher. Depois, para cada instante de meu passado mil futuros diferentes me parecem concebíveis; adoecer e interromper meus estudos; não conhecer Sartre; qualquer outra coisa. Jogada no mundo, fui submetida a suas leis e a seus acidentes, dependendo de vontades alheias, de circunstâncias, da história: estou, portanto, justificada por sentir minha contingência; o que me atordoa é que ao mesmo tempo não o estou. O problema não existiria se eu não tivesse nascido: **tenho que partir do fato de que existo.** (BEAUVOIR, 1972, p. 9, grifo nosso).

Vagueando entre os limites possíveis e impossíveis, Beauvoir cita, a partir de sua condição de ser mulher, os acessos contingentes a que sua existência estava submetida e os fatores que possivelmente poderiam tê-la levado a um outro lugar que não o que ela ocupava. Sendo mulher e, sobretudo, sendo quem ela era, estava ‘jogada ao mundo, submetida a suas leis e a seus acidentes’, pois, **sendo** no mundo, experimentaria, como qualquer outro ser, a certeza de que a existência é incerta, ou, como prefere, contingente. No meio do jogo, um fato: ela existia e, por esta razão, uma vez no mundo, deveria encarar o fato de que sua existência deveria ser conquistada e justificada por seus próprios atos e escolhas. E continua:

E, certamente, o futuro daquela que fui podia fazer-me diferente do que sou. Mas então seria essa outra quem se interrogaria sobre si mesma. Para aquela que diz: eis-me, não há conciliação possível. No entanto, essa necessária coincidência do sujeito com sua história não é suficiente para dissipar minha perplexidade. Minha vida: familiar e distante, ela me define e eu sou exterior a ela. O que é exatamente esse objeto bizarro? (BEAUVOIR, 1972, p. 9).

Quem seria se não fosse quem é? Que perguntas teria para fazer a si mesma? Não haveria conciliação e muito menos resposta a estes questionamentos vagos se os mínimos detalhes de sua existência não tivessem transcorrido da maneira que transcorreram. Partindo-se desse ponto, o que se coloca em questão na narrativa não se interpõe como uma dúvida de sua condição, muito menos de uma supressão de como tudo transcorreu, mas como um momento de estabelecimento de parâmetros, de rememoração, para entender que caminhos foram definitivos ao longo de sua vida para que Beauvoir viesse a ser a mulher que se tornara. No entanto, o caráter tão abrangente e fugidio de uma existência faz deste um projeto de difícil acesso.

Não se pode captar e cingir uma vida como se cinge e capta uma coisa, já que se trata, segundo a expressão de Sartre, de uma “totalidade-destotalizada” e que, conseqüentemente [*sic*], ela não é. Mas podemos fazer-nos algumas perguntas a seu respeito: como se faz uma vida? qual é nela a contribuição das circunstâncias, da necessidade, do acaso, das escolhas e das iniciativas do sujeito? (BEAUVOIR, 1972, p. 10).

Neste sentido, ao empreender um projeto autobiográfico por meio da escrita, não se trata, para Beauvoir, de captar e cingir uma vida, pois que esta não se configura como uma coisa dada de antemão, mas como um mundo aberto às possibilidades. Caberia, então, questionar como, de que maneira – levando em consideração as circunstâncias, necessidades, os acasos, as escolhas e as iniciativas – se faz uma vida, de que forma, dadas as cartas do jogo, se poderia tomar uma atitude – ação – para constituir uma existência, uma vida. É nesse sentido que a escrita de Simone de Beauvoir, tencionando desvelar uma existência para aproximar-se de uma suposta verdade dos fatos, distancia-se na medida em que esta existência não é posta como um dado acabado.

Visto que não é possível captar de todo uma existência, pois que ela não é um dado, muito menos um objeto estático, cabe a Beauvoir, tal como postula em sua tese existencialista, ver a vida sob o viés do projeto, do lançar-se no mundo, uma vez que alguém só pode existir e constituir-se a partir de suas projeções e das ações que toma para realizá-las. À imagem que se coloca em *Balanço Final*, a voz que narra, no auge de sua velhice, acaba por notar que sua existência nunca foi no mundo algo despido de sentido ou de um projeto, mas, ao contrário, sempre apontou para uma direção bem definida:

Durante minha infância e minha juventude minha vida tinha um sentido claro: a idade adulta era seu objetivo e sua razão. Viver, aos vinte anos, não é preparar-se para ter quarenta. Para as pessoas que me rodeavam e para mim, meu dever de criança e de adolescente consistia em moldar a mulher que eu seria amanhã. (BEAUVOIR, 1972, p. 22).

E pontua, ainda, como que demarcando a passagem do tempo e reavaliando sua postura:



[...] há um sinal de envelhecimento que ainda me parece muito mais evidente, e no qual tropeço permanentemente: minha relação com o futuro. [...]

Para outros a vida pesa: a brevidade do futuro a torna mais leve para eles. **Meu caso é diferente; vivi voltada para o futuro; ia alegremente ao encontro da mulher que seria amanhã; era ávida porque em cada conquista pressentia uma lembrança que jamais se apagaria.** (BEAUVOIR, 1972, p. 43, grifo nosso).

Em suas *Memórias de uma moça bem-comportada*, era com esse intuito e com a certeza de que estava moldando a mulher que seria, que Beauvoir narra atitudes de uma menina que, embora ainda em estado de passividade – pois que estava submetida às vontades dos adultos –, começa a ter consciência de si e das decisões que precisa tomar para que se torne dona de sua própria história. Tal constatação parte desde a decisão por suprimir Deus de sua vida até a escrita de seus diários e romances, lugar de onde surgiria, posteriormente, uma necessidade de ação por meio da escrita.

A escrita se interpôs como uma necessidade irrefutável para Simone de Beauvoir desde os tempos primeiros de sua existência. Na infância, afigurava-se como uma vontade de liberdade, de contar uma história, de realizar uma obra. Quando adulta, escrever se metamorfoseou em um ofício, uma necessidade que se confundia com o movimento mesmo de existir, com a própria existência.

Ainda nas *Memória de uma moça bem-comportada*, Beauvoir traz à baila os desejos mais íntimos de realizar uma obra onde pudesse ‘dizer tudo’: “Insisto amiúde em meu diário nessa necessidade de “dizer tudo” que contrasta curiosamente com a pobreza de minha experiência” (BEAUVOIR, 1983, p. 244). Era preciso viver, adquirir experiências para ter o que contar, e os limites da escrita (de si) perpassam vorazmente por uma perspectiva existencialista:

À pergunta: “Que deseja ser mais tarde?” respondi sem hesitação: “Um autor célebre.” Em relação ao músico predileto, à flor preferida, eu inventara gostos mais ou menos fictícios. Mas nesse ponto não hesitei: ambicionava esse futuro e o preferia a qualquer outro. (BEAUVOIR, 1983, p. 142-143).

No empreendimento autobiográfico – projeto de sua vida –, Beauvoir volta aos olhos a menina que fora outrora, narrando desde a infância, a juventude e os caminhos pelos quais percorreu até se tornar uma autora conhecida, uma filósofa existencialista – vencedora do Prêmio Goncourt de Literatura – e o próprio ato de narrar se configura como uma forma de tirar sua história do limbo e justificar sua existência com suas próprias palavras. Há nisto um quê de existencialismo na

medida em que, ao escrever sobre o passado, Beauvoir não o modifica, mas desvenda-o, descortina-o, para assim, a partir de uma atitude presente – a escrita –, justificar-se, tanto assim que ela assume o caráter de justificação: “Escrevendo uma obra tirada de minha história, eu me criaria a mim mesma de novo e justificaria minha existência” (BEAUVOIR, 1983, p. 143).

Nas *Memórias de uma moça bem-comportada*, tendo em vista que a narrativa circunda os pormenores da infância e adolescência da jovem Simone, a escrita ainda se coloca como uma pretensão. Em *A força das coisas*, terceira obra autobiográfica, sendo Simone de Beauvoir já uma autora conhecida, a escrita se interpõe não somente como uma necessidade, mas como um ofício, e se circunscreve também numa perspectiva existencialista. Já em *Balanço Final*, para além do ofício e da continuidade de sua narrativa autobiográfica, a escrita desempenha um papel de justificação, de desconstrução de si, mas sem que se perca o fio condutor: projetar-se.

Nunca agi de acordo com princípios, mas com fins; ora, eu tinha o que fazer; escrever tornara-se para mim um ofício exigente. Garantia minha autonomia moral; na solidão dos riscos corridos, das decisões a tomar, eu praticava minha liberdade bem melhor do que se me curvasse a rotinas lucrativas. Via em meus livros a minha verdadeira realização, e eles me dispensavam de qualquer outra afirmação de mim mesma. (BEAUVOIR, 2009, p. 24).

Escrever assumia, então, um caráter moral, um bálsamo em meio às angústias corriqueiras e, principalmente, uma atitude de liberdade e libertação, de realização e de afirmação de si, e não poderia ser feito de qualquer forma: “Foi essencialmente no campo da criação literária que utilizei minha liberdade; escrevemos a partir daquilo que somos, mas trata-se sempre de um ato novo” (BEAUVOIR, 1972, p. 36).

Inscrita na pele da escritora, Beauvoir comprazia-se em ver seu nome cintilar pelos jornais parisienses, afinal de contas, desejava perpetuar-se através da escrita e ser reconhecida por suas obras. Eis que, então, revela em *A força das coisas*, no meio de todo este alarido da celebridade, os desejos mais íntimos que a guiavam:

Nunca acreditei no caráter sagrado da literatura. Para mim, Deus morreu quando eu tinha quatorze anos, nada o substituiu: o absoluto só existia para mim em negativo, como um horizonte perdido para sempre. Desejei tornar-me, como Emily Brontë ou George Eliot, uma lenda; mas estava demasiado convicta de que, assim que fechasse os olhos, nada mais teria forma para sustentar com firmeza esses sonhos. Eu pereceria com a minha época, já que morria: não há duas maneiras de morrer. Eu desejava ser lida enquanto viva por muita gente, desejava que me estimassem, que me amassem. Estava pouco ligando para a posteridade. (BEAUVOIR, 2009, p. 61).

Não se tratava somente de ser reconhecida pela sua escrita, mas de se perpetuar através dela, e não o faria segundo a vontade de outrem – Deus – mas somente por seus projetos, por lançar-se, engajar-se, mesmo diante da contingência e da morte. A velhice espreitava essa existência que tão logo se tornaria ausência, morte.

Em *Balanço Final*, ainda sob o mesmo viés, Beauvoir questiona, a partir de sua condição, imersa já na velhice, o que ainda lhe era cabível enquanto possibilidade de ação:

[...] a idéia [sic] de meu fim está presente em mim. Sob meus pés estende-se um caminho que, atrás de mim, emerge da noite e, à minha frente, nela mergulha: fiz mais de três quartos desse caminho; o espaço que me sobra para percorrer é curto. Normalmente a imagem é imóvel; às vezes uma esteira rolante me conduz para o abismo. (BEAUVOIR, 1972, p. 49).

O que poderia fazer? Que projetos ainda seriam realizáveis a esta altura? Além das viagens, das leituras, do engajamento enquanto escritora e nas lutas sociais, Beauvoir encontrava no imperativo da escrita uma forma de ainda tomar uma ação.

Cabe ainda trazer à baila o fato de que Beauvoir desejava que as perguntas e respostas fossem suas, e perpassa que o projeto da escrita de si não poderia ser realizado pelas mãos de outrem, mas somente pela sua própria. “Minha vida só pode ser fixada em largos tragos, num papel, e pela minha mão” (BEAUVOIR, 2009, p. 408). E, então, num movimento de rememoração dos desejos que a escrita lhe imputava na adolescência, desvela que, de certa forma, as obras outrora publicadas representavam, grosso modo, um pretexto para que pudesse um dia realizar seu projeto:

Aos 15 anos, eu desejava que as pessoas, um dia, lessem minha biografia com uma curiosidade comovida; se queria tornar-me ‘uma autora conhecida’, era nessa esperança. Desde então, muitas vezes pensei em escrevê-la eu mesma. A exaltação me é bem estranha; mas guardei no coração a vontade de realizá-lo... (BEAUVOIR, 2009, p. 408).

A despeito das *Memórias de uma moça bem-comportada* e do início da escrita de suas memórias, Beauvoir pontua: “Durante dezoito meses, com altos e baixos, dificuldades, alegrias, apeguei-me a essa ressurreição: uma criação, pois ela apelava para minha imaginação e para a reflexão, tanto quanto para a memória” (BEAUVOIR, 2009, p. 408). Talvez, o que se possa pensar nas *Memórias* enquanto a elucidação de uma imagem e a narração cronológica dos “fatos” não seja mais cabível para a narradora que contabiliza o seu *Balanço Final*. Agora, cabe-lhe ver o

mundo sob a ótica do que lhe construiu enquanto mulher, escritora e pensadora do século XX.



Construir uma imagem de mim mesma: essa empresa inútil e, aliás, impossível não me interessa. O que desejaria era ter uma idéia [sic] de minha situação no mundo. O que significa ser mulher, francesa, escritora, com sessenta e quatro anos de idade em 1972? (BEAUVOIR, 1972, p. 47).

Desejava, mais do que construir uma imagem, entender o que significava ser uma mulher em seu contexto e, mais detidamente, o que significava ser a mulher que era e ter a vida que tinha.

É válido considerar que, além da experiência vivida, para Beauvoir, o relato (a escrita) consegue apreender de forma mais abrangente o que se passa no plano físico, lançando-se no infinito e abrindo uma possibilidade de perpetuação do discurso, ainda que ela pontue que o que lhe interessa é analisar sua história. Sendo assim, Beauvoir o faz não somente como uma necessidade de escrever, mas também de retomar o seu passado para justificá-lo, tal como enuncia em *Por uma moral da ambiguidade*:

Se deixo para trás um ato que pratiquei, ao cair no passado, ele se torna coisa, não é mais do que um fato estúpido e opaco. Para impedir esta metamorfose, é preciso que, sem cessar, eu o retome e justifique na unidade do projeto em que estou engajado. Fundamentar o movimento de minha transcendência exige que eu não deixe jamais recair inutilmente sobre si mesmo, que eu o prolongue indefinidamente. Assim, não poderia eu hoje desejar autenticamente um fim sem querê-lo através de minha existência inteira, como futuro deste momento presente, como passado superado dos dias a vir: querer, é comprometer-se a preservar na minha vontade. Isto não significa que eu não deva visar a nenhum fim limitado: posso desejar absolutamente e para sempre uma revelação de um instante; isto significa que o valor desse fim provisório será confirmado indefinidamente. (BEAUVOIR, 1970, p. 20-21).

O projeto autobiográfico de Simone de Beauvoir faz emergir o conflito existencial que deve ser solucionado a partir de uma tomada de atitude presente – e isto implica falar em termos de contingência e de ação. No plano da contingência, vale mencionar as várias possibilidades de Simone, pelos acasos e pelos caminhos que poderia ter trilhado até se tornar a mulher que escreve. No plano da ação, a autobiografia de Beauvoir surge como uma necessidade projeção, de realização da vida, de liberdade e de desconstrução de si, que se concretiza através da escrita. A escrita, por sua vez, comparece para Simone de Beauvoir como um ‘infinitivo imperativo’, pois que esse infinitivo *escrever* evoca uma propensão à ação

(escreva!), à realização, na medida em que se coloca como uma necessidade inescapável. Ainda em *Balanço Final*, ao citar a escritora Viollet Leduc, Beauvoir fala sobre a impossibilidade de separar a autora de suas obras, o que não deixa de ser um afirmativo de si mesma, uma vez que era por meio de suas obras que Simone de Beauvoir se colocava mais oscilante e vívida. Ela diz:

Em Faucon, [Viollet] redigiu o fim de sua autobiografia. Creio que, muito em breve, trechos dela serão publicados. Assim espero, pois no seu caso **não se podem separar seus livros da mulher de carne e osso que é sua autora. Ela fez de sua vida a matéria de sua obra que deu um sentido à sua vida** (BEAUVOIR, 1972, p. 61, grifo nosso).

É o que podemos pontuar, também, sobre Simone de Beauvoir: é cintilante essa vontade de constar em sua obra, de fazer-se palavras, desconstruir-se e entender de que maneira Simone de Beauvoir se tornou Beauvoir. E assim o fez em seu projeto autobiográfico. Assim o fez em seu *Balanço Final*.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Não é forçoso e nem repetitivo recordar a atitude existencialista que Simone de Beauvoir toma ao escolher empreender um projeto autobiográfico, o que se intensifica ainda mais a partir de sua remanescente obra, partindo-se do pressuposto de que a escrita de *Balanço Final* desempenha um papel de ação, de busca por respostas a partir da rememoração do passado e, ainda mais, de justificação de si.

O projeto autobiográfico de Simone de Beauvoir, tal como foi concebido, realiza-se alicerçado em uma atitude existencialista, pois que a vontade de ressurreição do passado surge como um projeto para o futuro, tendo em vista que o passado é retomado como forma de desvelamento para, a partir de uma atitude presente – tornada concreta na escrita –, justificar sua existência.

Na tese empreendida por Beauvoir em *Por uma moral da ambiguidade*, fulcro de seu pensamento existencialista, a busca por dar sentido à existência é um movimento ininterrupto, que não se realiza senão na medida em que não se deixa fixar. O homem deve buscar, a cada instante, dar um sentido à sua vida. A ambiguidade empreendida em sua obra surge como uma ordem primeira de o homem ser no mundo, de o homem existir no mundo e constituir-se um sujeito soberano.

Se se leva em consideração a noção ambígua da condição humana não se deve, sobremaneira, excluir do horizonte que o homem existe e de que é ele quem deve buscar um significado à existência, levando sempre em consideração que ele se constitui não só por suas vitórias, mas também experimentando seus fracassos e sua espessura falhada. É neste sentido que *Balanço Final* surge como uma



possibilidade de descortinamento e de realização desse conflito existencial. Beauvoir lança-se, projeta-se através da escrita de si, descortinando um passado que, oscilante, deveria ser tomado em uma atitude presente para ser superado, entendido, compreendido. É desvelando-se que Beauvoir questiona-se, e questionando-se, tomando uma atitude a partir da escrita de si, justifica-se.

É sob este viés que consideramos aqui que o projeto existencialista empreendido por Simone de Beauvoir comparece em *Balanço Final* como uma possibilidade de questionamento de si, de sua condição, de sua construção subjetiva e intelectual, de seus projetos, um balanço acerca de como lançou-se no mundo e quais empreendimentos foram decisivos para que Simone se transformasse em Beauvoir.

Para além destes liames, é salutar entender o empreendimento autobiográfico de Simone de Beauvoir enquanto construção de um projeto que, indo num horizonte além da escrita de memórias, aponta para uma atitude de construção subjetiva e de realização de seu conflito existencial. Assim sendo, consideramos que a escrita de si, além de sua inesgotável fonte de tessitura narrativa, é uma escrita que abre fissuras e questões a cada vez que se deixa revelar.

Notas

¹ Simone de Beauvoir escreveu quatro obras autobiográficas, sendo estas *Memórias de uma moça bem-comportada* (1958), *A força da idade* (1960), *A força das coisas* (1963) e *Balanço Final* (1972).

² Beauvoir disserta: “O homem é o ser das distâncias, movimento para o futuro, projeto” (BEAUVOIR, 1970, p. 87). E ainda: “Mas o presente não é um passado em potência; é o momento da escolha e da ação, não podemos evitar vivê-lo através de um projeto; e não existe projeto que seja puramente contemplativo, já que projetamos sempre em relação a alguma coisa, em relação ao futuro. Colocar-se **de fora** é ainda uma maneira de viver o fato inelutável no qual estamos inseridos” (BEAUVOIR, 1970, p. 65).

Referências

BEAUVOIR, Simone. *Por uma moral da ambiguidade*. Tradução de Anamaria de Vasconcellos. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1970.

BEAUVOIR, Simone. *Balanço final*. Tradução de Rita Braga. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1972.

BEAUVOIR, Simone. *Memórias de uma moça bem-comportada*. Tradução de Sérgio Milliet. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1983.

BEAUVOIR, Simone. *A força das coisas*. Tradução de Maria Helena Franco Martins. 2. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2009.

FOUCAULT, Michel. *A escrita de si*. In: _____. *Ética, sexualidade, política*. 2. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2010.

GAGNEBIN, Jeanne Marie. *Lembrar escrever esquecer*. São Paulo: Ed. 34, 2006.

SARTRE, Jean-Paul. *O existencialismo é um humanismo*. Tradução de Virgílio Ferreira. São Paulo: Abril Cultural, 1973. (Coleção Os pensadores).



Para citar este artigo

SILVA, Luís Henrique Pereira da; LOBATO, Andrea Teresa Martins. Fazer-se escrita: projeto existencialista e as redes da escrita de si em Balanço final, de Simone de Beauvoir. *Miguilim – Revista Eletrônica do Netlli*, Crato, v. 9, n. 1, p. 83-99, jan.-abr. 2020.

Os autores

Luís Henrique Pereira da Silva é mestrando em Letras, área de concentração em Teoria Literária, pelo Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Estadual do Maranhão.

Andrea Teresa Martins Lobato é doutora em Ciência da Literatura pela Universidade Federal do Rio de Janeiro, coordenadora do Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Estadual do Maranhão, professora do Departamento de Letras da Universidade Estadual do Maranhão e professora da Universidade do CEUMA.